

3. "RETRATOS DE CARLOS IV, REI DE ESPANHA, E DE MARIA LUÍSA DE PARMA, RAINHA DE ESPANHA"

FRANCISCO DE GOYA Y LUCIENTES

10 OUTUBRO 2013 – 19 JANEIRO 2014

PARA ASSINALAR A VISITA dos novos monarcas à capital andaluza, os trabalhadores da Real Fábrica de Tabacos de Sevilha encomendaram a Francisco de Goya y Lucientes estes dois retratos que, durante a estadia dos reis, foram exibidos num Templo da Fama, erguido para a ocasião. As duas telas são versões dos retratos oficiais do casal régio, executados por Goya em 1789, logo após Carlos IV subir ao trono de Espanha (por morte de Carlos III, a 14 de dezembro do ano anterior). Devido à necessidade de representar o novo casal real, este foi um período de grande azáfama para o artista, que pintou 18 retratos em apenas um ano.

A 25 de Abril de 1789, Goya foi nomeado Pintor de Câmara do Rei. Apesar de só em 1799 conseguir o posto de Primeiro Pintor de Câmara, foi o artista mais usado pelo casal real: desde os retratos iniciais, de necessário convencionalismo, à pintura da família de Carlos IV, obra-prima de 1800.

As duas obras aqui expostas traduzem a premissa de divulgação da imagem dos novos monarcas. Os reis, ostentando várias insígnias, símbolos de poder, repetem poses e modelos codificados. Carlos IV veste-se de veludo, usa uma enorme estrela de diamantes, da qual pende o Tosão de Ouro, e a Banda e a Cruz da Ordem de Carlos III, a Banda da Ordem de São Januário de Nápoles, vermelha, e a Banda da Ordem dos Cavaleiros do Espírito Santo, azul. A seu lado e em segundo plano, discretamente pousados sobre uma mesa, encontram-se o real manto púrpura forrado de arminho e a coroa, como acontece também no retrato da rainha. De vestido escuro e grande toucado de gaze e plumas, Maria Luísa de Parma ostenta a insígnia da Ordem da Cruz Estrelada da Áustria, concedida pela imperatriz Maria Teresa.

Goya confere um certo movimento aos dois retratos, através da cortina verde, pintada ao fundo, e realça os brilhos dos tecidos mais vaporosos e o das joias com toques rápidos e empastados de brancos e amarelos, cuja liberdade lembra Velásquez, pintor que Goya muito apreciou e que tomou como inspiração em muitos retratos régios.



Carlos IV, Rei de Espanha

Francisco de Goya y Lucientes (1746-1828)

1789

Óleo sobre tela

127 x 94 cm

Colección Altadis, S.A.

Archivo General de Indias, Sevilha

Tornando-se rei nas vésperas da Revolução Francesa, época de conflitos internacionais, de divisões sociais profundas e de cesuras políticas que chegavam à família real, Carlos IV acabou por abdicar a favor do seu filho Fernando VII, após a Revolta de Aranjuez, em 1808. Morreu em 1819, nos arredores de Nápoles, onde nascera em 1748. Maria Luísa de Parma (Parma, 1751 – Roma, 1819), sua prima, foi sua mulher aos 14 anos e assumiu, depois de rainha, um lugar central na política espanhola.



***Maria Luísa de Parma,
Rainha de Espanha***

Francisco de Goya y Lucientes (1746-1828)

1789

Óleo sobre tela

126 x 94 cm

Colección Altadis, S.A.

Archivo General de Indias, Sevilha

A vida de Francisco de Goya y Lucientes (Fuendetodos, 30 de março de 1746 – Bordéus, 16 de abril de 1828) é ainda mais longa que a do seu rei e decorre num dos momentos de maior agitação da história europeia. Nascido em pleno Antigo Regime, a sua vida ultrapassa a de Napoleão, o mesmo é dizer que, educado ainda no ambiente tardo barroco de inspiração italiana, quando Corrado Giaquinto era pintor real, passa pelas influências neo-clássicas de Mengs e pelo

decorativismo *rocaille* até à total afirmação do romantismo.

As contradições e as alterações do tempo tiveram a maior expressão na obra de Goya ou, melhor dizendo, dos vários «Goyas». No Goya das pinturas religiosas de Saragoça, aberto à influência de Tiepolo e de Corrado Giaquinto. No «Goya» que, casado com a irmã do pintor Francisco Bayeu, é chamado à corte e trabalha incessantemente nos cartões de tapeçaria da Real Fábrica de Santa Bárbara, onde descobre a cor aberta e a representação de costumes populares ou de jogos galantes de gosto rococó. No Goya dos retratos régios e da sociedade madrilenha das últimas décadas do século XVIII, oscilando entre o caráter comemorativo e a emoção espontânea de uma pincelada solta, valorizando brilhos e texturas à maneira de Velásquez, que o serviço na corte lhe permite conhecer cada vez melhor e admirar cada vez mais; um Goya capaz de dar aos retratados uma enorme densidade expressiva e espiritual, sobretudo quando com eles comparte a amizade ou as ideias. Finalmente, no mais universal de todos eles, «o profeta da modernidade», o pintor dos horrores da guerra, das meditações ontológicas sobre a hispanidade, das pinturas «negras» de bruxas, gigantes, monstros e paisagens desoladas e assustadoras, das gravuras de horrores, dos desenhos de rápido apontamento anedótico: um Goya atual ou, melhor, intemporal, admiravelmente colorista, mas capaz de compreender a capacidade dramática do negro e da ausência da cor. Sem dúvida que todas estas facetas unem-se na constante pesquisa e na consciência da importância da liberdade na criação.

Num célebre «informe» de 1792 à Real Academia de Belas-Artes de São Fernando, Goya escreveu: «Darei uma prova para demonstrar com factos que não há regras na Pintura, e que a opressão, ou a obrigação servil de fazer estudar a todos por um mesmo caminho, é um grande impedimento aos jovens que professam esta arte».

ORGANIZAÇÃO:



dgpc

MNAA



AC/E



MOSTRA ESPANHA 2013:

APOIO:

